

OBLOMOV : CURIOSIDADES E ALINHAVOS

SE O ROMANCE *OBLOMOV* (1859) FEZ COM QUE IVAN GONTCHAROV(1812-1891), SEU AUTOR, ENTRASSE NA HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA, O FILME “ ALGUNS DIAS NA VIDA DE I.I. OBLOMOV”, QUE NIKITA MIKHALKOV REALIZOU EM 1979, FEZ COM QUE A PERSONAGEM DE OBLOMOV PASSASSE A SER CONHECIDA NO MUNDO INTEIRO.ENTRE AS VÁRIAS RECEPÇÕES, VEJAMOS ESTA:

The brilliant long opening sequence of the film captures the essence of this soporific syndrome. Oblomov, swaddled in his bedclothes on a sofa in his St. Petersburg flat, dozes and dithers the day away, fending off the entreaties of his buffoonish servant, Zakhar.... And all the while the camera prowls the shuttered rooms of the flat like Morpheus himself, come to check out his most faithful disciple. It's a marvelous episode, farcical, bizarre, oddly disquieting in its revelation of this super-stupor...

Newsweek. March 23, 1981.

Realmente , as primeiras quase duzentas páginas do romance são morféticas, apesar da boa tradução de Rubens Figueiredo(*et pour cause*) para a Cosac&Naif, que acaba de publicar o livro na primeira tradução direta em português . Aqui, algumas curiosidades. Primeira, veja-se o que diz o dono da editora sobre o livro em questão:

- "Oblomov sou eu", avisa. O personagem principal passa as primeiras 150 páginas entre a cama e o sofá, vive de herança e é um procrastinador crônico. Quando o criado lhe diz que há uma conta para pagar ele entra em crise. "Ah, conta, conta, aiaiai, depois do almoço", Cosac diz, dramatizando com um dos braços na testa. "Oblomov era meu apelido quando morei na Rússia." (entrevista "Um personagem à procura de seus autores".de Adriana Abujamra com Charles Cosac, em 20/01/2012 às 00h00 para O Valor (S. Paulo)

Segunda curiosidade: A Wikipedia informa:

LITERATURA

São Paulo, sábado, 11 de dezembro de 2004

FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**

Edição recente de "Oblomov", do russo Ivan Alexandrovitch Gontcharov, é cópia de versão publicada em 1966

Editora plagia tradução antiga de clássico

LUIZ FERNANDO VIANNA
DA SUCURSAL DO RIO

Só há uma edição disponível no Brasil de "Oblomov", um dos maiores clássicos da literatura russa. Pois essa edição é repleta de erros e a tradução do romance de Ivan Alexandrovitch Gontcharov (1812-1891) é um plágio absoluto.

Publicado em 2001 pela pequena Germinal (não confundir com a Edições Germinal), o livro é uma cópia da tradução feita pelo poeta mineiro Francisco Inácio Peixoto (1909-1986) e publicada em 1966 pela Edições O Cruzeiro.

Alertado pelo professor Anselmo Pessoa, da Universidade Federal de Goiás, o jornalista Euler Belém, do semanário "Jornal Opção", de Goiânia, publicou texto sobre isso em 28 de novembro. Como ele ressalta, resenhas feitas por José Maria Cançado, na Folha, em 2002, e Arthur Danton, no site Toda Palavra, em 2003, já apontavam estranhezas na edição, mas ainda não tinham cravado a hipótese de plágio.

A **Folha** teve acesso aos livros de 1966 e 2001. O plágio vai da primeira à última página. Não houve qualquer preocupação em disfarçar a cópia, sendo reproduzidos trechos complexos como o seguinte: "Este, como um pássaro em liberdade, esvoaçava-lhe no rosto, adejava-lhe nos olhos, pousava-lhe nos lábios entreabertos e aninhava-se nas rugas da frente, para logo desaparecer".

Houve tentativas de atualizar a ortografia, já que a tradução de Peixoto é anterior à reforma de 1971. Mas até nisso a cópia falha. Há casos em que o acento foi erradamente retirado, como em "have-lo" (havê-lo), na página 50. Outros em que se deixou, por equívoco, o acento, como em "fêz" (fez), nas páginas 61 e 68.

Há ainda centenas de erros de digitação, pontuação e frases truncadas. Danton chegou a contar 270 incorreções. Belém parou de contar no centésimo erro, na página 146 (o livro

tem 552). Alguns vêm da edição de 1966.

Mas não há informações a respeito de qual língua poeta mineiro Francisco Inácio Peixoto teria traduzido o indigitado romance. Bem-vinda, então, mais uma vez, a tradução direta de Rubens Figueiredo, capaz de recriar a poesia do original, (apesar da preguiça!)

Outras curiosidades

Os primeiros críticos internacionais do autor, quando o romance apareceu na Europa, (por exemplo, estou lendo a apresentação da edição italiana da Mursia, de 1965) deram ênfase especial ao capítulo IX do livro, o poético sonho de Oblomov, revendo o ambiente idílico de sua infância e, *hélas*, da primeira juventude, quando os pais não souberam dar-lhe a educação capaz de temperar seu caráter, coisa que, ao contrário, ocorreu com seu maior amigo, o semi-russo-semi-germânico Stolz, modelo que o autor lhe contrapõe como bem-sucedido, segundo os ditames de Taine, *race, milieu, moment*. A mim interessou particularmente o longo relato da tentativa de Olga – na segunda parte do livro – de tentar demovê-lo de sua inércia, através de interessantes impasses psicológicos em que ela mesma vai formando sua própria personalidade.

Eis o que escreve a respeito Richard Stites em *The women's Liberal Movement in Russia – Feminism, Nihilism, Bolshevism (1860-1930)*, Princeton, 1978 e 1990: “*The years 1860-61 were a turning point: the end of an incubation and the beginning of an application. What of women's consciousness at this critical moment in the life of the Russian woman? (...) Olga, constantly 'striving' toward something quite not defined, was the least developed of these fictional women. But the critics noted that she was in advance not only of Oblomov, the quintessential superfluous anti-hero, but also of the energetic Stolz whom she finally married after failing to mobilize the immobile Oblomov.*”(p.47)

Last but not least, vejamos as palavras ferinas sobre o sonho e o(s) sonhador(es), vindas de um conterrâneo do autor, **Viktor Erofeev, em “Сон вещего импотента”**, mais de um século e meio depois do aparecimento de Oblomov:

Но было бы наивно думать, что Обломов родился на пустом месте. Он — порождение своего собственного сна, верно составленного детского переживания, которое превращается в вещий сон и которое во взрослом человеке превращается в общероссийское *бессилие*. Обломов — это портрет вещего импотента, который заражает нас всех своей импотенцией.

Так как же? Разве Россия настолько слаба, что она не способна справиться с русским словом? Или русское слово, доведенное до отчаяния, начинает строить свою собственную реальность, в которую мы, нестойкие, смиренно погружаемся? Нет, здесь все вполне гармонично. Тысячи маленьких обломовых на плодородной навозной почве нашей действительности порождают большого Обломова, который становится оправданием кучи навоза.

<http://www.kommersant.ru/doc/1961264/print>

AURORA F. BERNARDINI¹

¹ Aurora Bernardini é ensaísta, escritora e tradutora. Atualmente é professora na área de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, na USP.